

Suor, carbonio e asfalto

Tente. Fracasse. Não importa. Tente outra vez.

Fracasse de novo.

Fracasse melhor.

SAMUEL BECKETT

Dog

Suor, carbono e asfalto

crônicas do anti-heroísmo do
esporte amador

Parte III: Corrida de rua

Copyright © 2020 Arlindo Gonçalves (Dog)
Copyright © 2020 Miró Editorial Ltda.

Produção editorial
Miró Editorial

Editor
Márcia Lígia Guidin

Adaptação de capa e projeto gráfico
Alberto Mateus

Preparação e revisões
Marilu Maranhão Tassetto
Michelle Nérís da Silva

Diagramação
Crayon Editorial

Ilustrador
Matheus Vigliar

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Foto de capa: Dados do livro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Benitez Catalogação Assessoria Editorial)

D765s Dog,
1.ed. Suor, carbono e asfalto: corrida de rua / Dog. – 1.ed. –
São Paulo: Miró Editorial, 2020.
200 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-990077-2-9

1. Esporte. 2. Corrida. 3. Corrida de rua. 4. São
Silvestre. I. Título.

CDD 798.4

8-2020/32

CDU 796.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Esporte: corrida
2. Corrida de rua
3. São Silvestre

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.


The logo for Miró Editorial features the word 'Miró' in a stylized, cursive script font, with 'EDITORIAL' in a smaller, clean, sans-serif font underneath. A thin horizontal line is positioned below the word 'EDITORIAL'.

Rua Oscar Freire, 836/121
CEP 01426-000 – São Paulo – SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 942989697
Nosso site: www.miroeditorial.com.br

*Para Luciana, meu amor,
para quem sempre volto após muito suor,
carbono e asfalto.*

*Para Possmoser,
amigo de cloro, de asfalto, da vida.*

*Para os meus pais,
guarda-livros e escritor, acabei realizando os dois
prognósticos que fizeram sobre meu futuro.*

*Para todos que, enxotados pela vida,
correm por toda ela sem ter uma linha de chegada
e um pódio...*

Sumário

Apresentação	9
1. O alvorecer de um livro	11
O Ser Errante: um preâmbulo	13
O corredor de laranja	14
O nome do lugar	17
Um bazar que também poderia ser apelidado de Precipício	23
O padre esportista e o corredor de laranja	26
Conversas no Precipício	36
2. O livro que corre	59
Correr para quê?	60
Dr. Menta e os cães da madrugada	63
Adeus, Ultraman	72
Meu retorno ao Ultraman	88
O começo de tudo	93
Ter uma companhia para correr	99
A arte de escolher um lugar para treinar	103
A arte de amar a São Silvestre e se preparar para ela ..	117
A arte de se alimentar antes de correr	130
A alimentação antes das corridas de Natal	141
Entre asas de passarinho, sardinhas fritas e piadas sem graça	147
A arte de falar bobagens enquanto se corre	155

3. O livro desacelera	167
A eterna derrota	168
4. O livro e a cidade	173
Todos fedemos	174
O nada, enfim	182
Como tudo termina	184
A primeira São Silvestre e a razão de correr	185
<i>Post scriptum</i>	191
Sobre o autor	200

Apresentação

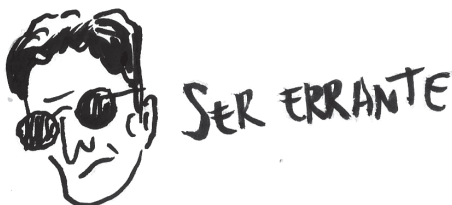
Dog é fotógrafo e escritor, além de esportista amador. Ele é meu amigo e eu o defino como um sujeito triste que tenta provocar risos neste nosso mundo sombrio, cada vez mais sem sentido. Ele me convidou para prefaciar esta obra. O material aqui contido, para uns parecerá mera narração que oscila entre o ultrajante e o escatológico. Esportistas mais regrados poderão achar absurda a maneira como o autor encara a corrida urbana. Posso até reconhecer a presença desses atributos não tão nobres no livro, entretanto, sigo com mais boa vontade. Sou da opinião de que as descrições se equilibram por sobre as linhas impressas – estas como uma corda bamba, espécie de caminho tortuoso que o autor deve percorrer até a segurança ou a danação – com paradoxais sensações de obscenidade moderada e desejo ingênuo pela restauração da simplicidade do viver. Prometi ao Dog escrever pouco porque há muito o que ler aqui. Portanto, esta apresentação é apenas um alerta. Não desista no meio da leitura por conta da forma heterodoxa como o autor se dedica à corrida de rua. Também não esmoreça diante da falta de vitórias esportivas que a obra apresenta. A ausência de derrotas, a negação às imperfeições e o medo da decadência e do fracasso eliminam a nossa evolução. Divirta-se com o volume que tem em mãos. Dê boas risadas, com *Suor, carbono e asfalto*.

Padre Horácio

Religioso e corredor amador



1. O alvorecer de um livro



O Ser Errante: um preâmbulo

Eu não estou mais vivo. Sou um fantasma que vaga pela cidade. Demorou para eu aceitar isso; agora, resignado, assumo minha condição. Sou o Ser Errante, aquele que ainda gosta de São Paulo e se sente preso às suas ruas, esquinas, praças, becos, vielas e avenidas. E foi justamente em uma dessas últimas que tomei contato com a pessoa sobre a qual divagarei a seguir.

O corredor de laranja

A história começou cedo, numa manhã de julho e no centro da cidade. Imaginei como tudo aconteceu. Sono-lento no alvorecer de uma data marcada pelo frio – com uns doze graus, no máximo, e ainda muita escuridão a esbanjar –, ele escovou os dentes e escolheu o que vestir. E já que a luz natural demoraria a ser encontrada no exterior de sua morada, nada de cobrir o corpo com cores opacas, tons pastéis ou cinzentos; preto, então, nem pensar. O fundamental seria tornar-se visível aos carros no alvorecer de luminosidade gradativa. Logo, ele vestiu um pano modesto, porém eficaz, para ser notado durante o final do negrume: um barato agasalho laranja. Os tênis? De forma similar à da escolha da vestimenta, nada de marcas famosas, caras, estilosas; por ideologia (eu saberia depois), para ele essas coisas sempre foram intimidadoras. Os calçados de corrida que pôs nos pés eram de um modelo simples, nem tão caro, nem muito barato – um meio-termo, por assim dizer.

Vi o sujeito sair de um prédio de apartamentos na avenida Nove de Julho, perto do túnel que passa embaixo do Masp, do Trianon e encerra a Bela Vista, dando início aos Jardins. Quando o mirei na rua, notei o traje completo em que estava e imaginei mais uma coisa. Após se vestir, ele deve ter ido até um ponto do apartamento. Achou por lá dez exemplares de um mesmo livro, um de tamanho mediano, de não muitas páginas encerradas em uma capa branca, e tudo isso lacrado em plástico originário da gráfica – o que prova serem volumes nunca lidos. Ele os

carregou até o elevador que o conduziu de um andar – eu não saberia qual era – até a calçada da avenida, onde o vi pela primeira vez. E não foi nem o agasalho de cor chamativa o que mais me ganhou a atenção a ponto de imaginar toda a rotina que precedera sua chegada à rua. Foram, sim, aqueles livros que ele levava. E o que reteve meu olhar passou a ser o que aconteceu depois. Sem alongar braços e pernas, o homem disparou na corrida. Poucos metros adiante, um dos exemplares do livro que carregava caiu no chão. Eu acelerei o passo até alcançar o volume. Recolhi-o da calçada e, sem ao menos olhar a capa, segui em direção ao corredor. Tencionava, de alguma maneira, fazer o livro voltar ao dono. Não consegui. O cara tomou velocidade e o hiato entre nós se alongou.

Não foi somente isso que me fez desistir de tentar lhe entregar o livro. É que nem bem vi o primeiro volume cair, logo outro foi ao chão. Dessa vez, não por um presumível descuido. Nada disso. Passei a achar que nem o primeiro livro ficou pelo caminho por acidente. Dessa vez, eu vi bem o que aconteceu. Ele o arremessou. Estava jogando fora todos os volumes. Baixei o ritmo e, sim, explorei a obra. Seu título: *L'Accademia – cotidiano do cloro*. O autor: Dog. Retirei o plástico e folheei o conteúdo.

Especulei se o corredor de agasalho laranja e o escritor daquele livro seriam a mesma pessoa. Não havia como saber; a obra não trazia foto do autor, somente ilustrações. O destino viria a me dar uma oportunidade de provar essa hipótese. Foi quando eu o encontrei pela segunda vez. Não mais em outra madrugada que dava início a uma atividade saudável como é a prática da corrida urbana. Nada de horários matutinos, mas, sim, noturnos. Nenhum encontro extramuros; seria entre quatro paredes, as de um... bar.

Antes de relatar isso, vou dar uma desviada no assunto e contar um ocorrido. A história é muito parecida com essa do corredor que largava livros pelo caminho. Soube dela quando eu ainda estava vivo.

O nome do lugar

O bar não se chama Precipício. Nunca teve esse nome. Foi tudo invenção minha porque, num momento difícil da vida, passei a frequentá-lo para beber sozinho, deprimido por uma tragédia familiar; sem saída ou perspectivas. Precipício na verdade era o nome da minha situação particular da época, não a designação do boteco. Foi em 2004 que tudo ocorreu e eu afundei, perdendo-me num abandono que achava interminável. O que me lançara nessa situação pessoal havia sido a morte da minha mulher, ocorrida de maneira inesperada e trágica. Logo, descobri esse botecim. E fui a ele durante os seis anos seguintes e, saberia depois, seriam os últimos que me restavam.

Antes do passamento da minha esposa, eu já era um escritor diletante. Tentava publicar contos, mas eles eram muito ruins e eu acabava desistindo. Aí veio a tragédia e parei de produzir ficções. Depois de um tempo, senti certa motivação literária renascer em mim. Tudo foi por causa das histórias de vida dos que conheci no bar. Voltei a escrever, a tentar transformar em literatura o que ouvia.



Luxor vinha quase todas as quintas-feiras. Chegava na companhia de vários de seus amigos e amigas de trabalho. Eles eram empregados de uma corretora de seguros próxima ao Precipício. Todos sentavam-se, divertiam-se, gargalhavam ao sabor das cervejas. Acabei incluído na turma deles. Lembro-me de um dia o Luxor chegar muito estressado. Ele disse para o pessoal:

“Como pode esse monte de cartas de recusa do meu livro? Essas editoras não sabem nada de nada!”

Luxor era uma figura especial. Bonito, culto, inteligente, sagaz, bem-informado. Gay assumido e resolvido na vida, ocupava um cargo muito bem remunerado na corretora. Era, portanto, feliz em vasta gama das áreas da vida e a levava de forma ativa e sofisticada: frequentava museus, vernissages, saraus, lançamentos de livros; viajava para o exterior e sempre voltava de lá cheio de histórias.

Acho que ele só vinha a esta espelunca, que é o nosso bar, porque o Precipício ficava perto do trabalho dele (na avenida Celso Garcia) ou, talvez, porque beber com a gente o inspirava a compor poesias urbanas.

Isso: ele era escritor, um poeta muito bom; cheguei a ler vários poemas dele. Seus textos eram tão elaborados que eu ficava encabulado de mostrar a ele os meus contos. Tamanha era essa vergonha que eu nunca tive coragem de contar que eu também era autor, apesar de nenhum de nós dois termos publicado nada. Eis aí a grande frustração de Luxor e o motivo de ele ter chegado tão estressado naquele dia em que falou:

“Essas editoras não sabem nada de nada!”

Luxor tentava incansavelmente publicar seu primeiro título. Enviava o original a um sem-número de editoras. Tudo em vão...

“Olha só esse monte de cartas de rejeição... Essas editoras são cegas, não sabem identificar um talento como eu...”

Um dos amigos de copo tentou confortá-lo:

“Putz, Luxor, por que você não arregaça as mangas e publica você mesmo o seu livro?”

O efeito foi adverso. Luxor inflamou-se; incandescente, berrou:

“O quêêêê? Você tá me sugerindo pagar a edição?”

E o amigo, envergonhado e já arrependido da sugestão, disse baixinho:

“É... Qual o problema? Que mal tem? Ouvi dizer que isso é possível...”

E Luxor foi implacável. Em cólera:

“E eu lá sou escritor que apela para isso? Livro bancado do bolso do próprio autor pode até ser bom, mas não tem o respeito da crítica. Vou contar duas histórias para vocês”, deu uma golada de fôlego na cerveja, limpou os lábios com um guardanapo de papel e começou:

“Contaram para mim uma história horrível de *bullying*. Foi o seguinte. Tinha um escritor que costumava pagar seus próprios livros, mas não contava para ninguém com medo do preconceito; escondia até do filhinho dele. O pobre moleque morria de orgulho do pai: ‘Papai é escritor’ - o triste saía dizendo aos amiguinhos... Tragédia, não se soube direito como, mas alguém descobriu tudo... Então, certo dia, o tal escritor chegou em casa e encontrou o filho todo emburrado, com os olhos inchados de chorar. ‘Que foi, filho?’, o literato perguntou. O menino desconversou até quando pôde, então, de tão encurralado pelos questionamentos do pai, o garoto acabou confessando: ‘Os moleques da escola tiraram barato de mim... Disseram que o senhor só é escritor porque paga os livros... Falam que livro assim não presta...’, e chorou. O pai sentiu uma vergonha enorme de si próprio. E nunca mais escreveu nada.”

No intervalo entre o fim da primeira história e o início da seguinte, Luxor disse para a gente que não concordava com esse tipo de raciocínio de não se valorizar livros publicados de forma independente, mas ele achava que não

havia como negar que a crítica especializada, os grandes jornais, as resenhas dos títulos, todos eles não davam a mínima para livros bancados pelos autores. Segundo Luxor, era desse jeito que o mercado funcionava. E teorizava:

“O livro pode até ser bom, mas não há futuro para produções independentes”, argumentou. “Tenho outra história”, e já começou o segundo caso, mais um que daria como exemplo da crueldade do sistema editorial. “Dia desses, eu fui correr no Minhocão à noite e vi outro corredor na minha frente. Até aí, tudo bem, nada de incomum; sempre tem gente se exercitando lá. O diferente era que ele carregava um punhado de livros enquanto corria e jogava fora um por um. Isso. O cara abandonava os livros. Eu aumentei o ritmo, ultrapassei-o e olhei para trás. Foi quando eu vi direitinho o rosto dele e memorizei bem a fisionomia do cara; era bem feinho, coitado... Então, desacelerei e permiti que ele me ultrapassasse. Em seguida, dei meia-volta e corri até encontrar um dos exemplares que ele abandonava por ali. Abaixei-me e o recolhi. Para a minha surpresa, estava lacrado, nunca havia sido lido. Eu o abri e vi numa das orelhas o currículo do autor. Tinha uma foto dele lá e veio outra surpresa: era o corredor que largava os livros no Minhocão. O próprio cara jogando fora o material de sua autoria... Só podia ter sido pago por ele... O sujeito era um escritor que financiava a publicação do livro que, por sua vez, não vendia nada e o pobre homem, ele próprio, mandava tudo embora e lacrado na esperança de que alguém pegasse e lesse.”

Nesse ponto, um dos amigos perguntou:

“E você, leu?”

“Sim, li. É bom, tá aqui”, ele abriu a mochila e retirou o exemplar, mostrando-o. Eu consegui ler o título da

obra: *Desonrados e outros contos*. Não pude, no entanto, ler o nome do autor, não deu tempo porque o poeta do Bar Precipício guardou o livro e não quis mais mostrar de jeito nenhum, ainda que eu insistisse.

Luxor era um sujeito ímpar. Tinha tudo para ser feliz, mas não se sentia realizado. Isso porque não era publicado de forma tradicional, ou seja, ser escolhido por uma grande editora; essa mesma casa ter dinheiro para o jabá que o promoveria, possibilitando, além do fim do ineditismo, receber resenhas, aparecer em programas de televisão, representar o Brasil em Frankfurt e Paris. Eis seu sonho. Insistia, mas nunca chegava lá; seus originais eram rejeitados industrialmente e Luxor, por causa disso, tornou-se obcecado. E a obsessão virou quase uma paranoia e esse processo descambou para um desespero que passou a afetar todo o espectro da vida dele. O cara virou um chato que só reclamava da falta de reconhecimento literário... Os amigos foram perdendo a paciência com toda aquela queixa, desconversavam ou o ignoravam antes de a choradeira iniciar. Sem perspectivas como autor, poeta inédito, entrou em depressão. Só a gente ainda dava atenção a ele. Eu sabia bem o que sentia e tinha compaixão pela situação dele.

Eu entendia o que Luxor vivenciava. E isso não apenas porque nós dois éramos escritores. Havia no íntimo uma razão muito forte: minha mulher... ela era aspirante às artes – pintora amadora. Nós éramos jovens, sonhadores, um tanto ingênuos e iludidos em nossos respectivos campos de atuação artística: ela, nos quadros; eu, nos contos. Fracassamos. E, infelizmente, tanto para ele quanto para a minha mulher alimentar ambições artísticas seria desastroso. Ela se suicidou após um período de forte depressão. Ele? Bom, Luxor desapareceu. Após um *happy hour* que eu

planejei como minha despedida do lugar, ele nunca mais voltou ao Bar Precipício. Foi no Natal de 2010. Na verdade, tanto eu quanto o poeta não voltaríamos mais ao Precipício, apesar de eu saber que ele está por aí, mal à beça, circulando infeliz por outras paragens da cidade. Eu soube que ele desistiu de vez de tentar publicar o livro de poesia, tamanha a recusa das editoras. Perdeu o emprego além de tudo, o que o desanimou ainda mais...